

# Equatorial

v.13 n.24 | jan./jun. 2026  
ISSN: 2446-5674

ENSAIO VISUAL

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Canto do Buniti Pi	Matri. Social N° 104	Data de Nascimento 25/08/1943
Fundado Em 29/09/73	Carta Sindical 301.860/74	Data da Entrada 17/08/1974
Associado Luiz Alves de Sousa.	Filho de N.ª Gensta Alves da Sousa	Cart. Profissional _____ Série _____
Honória	de Canto do Buniti - Piauí	Instrução Alfabetizado
Luiz Alves de Sousa		Atividade Social Agricultura
		Tipo de Trabalho Trabalhador Rural
		Data da Expedição da Cart. 13/05/96
		Luiz Alves de Sousa Presidente

## Disputar a “memória nacional” a partir dos acervos familiares negros

Contesting the “national memory” through black family archives

Disputar la "memoria nacional" a partir de los archivos familiares negros

Ana Clara Damásio

Departamento de Antropologia e Etnologia (DAE/UFBA)  
anaclarasousadamasio@gmail.com – 0000-0001-7426-7486

## Apresentação

A partir da minha tese de doutorado, que tem como foco as memórias de famílias negras no Brasil pós-abolição (Damásio, 2025) e suas experiências de deslocamento e circulação pelo território nacional, tornou-se impossível ignorar e não catalogar as estratégias de preservação da memória através da materialidade, o que vamos chamar aqui de acervos familiares negros. Foi nesse contexto, apresentado acima, que comecei então a me perguntar: como disputar a “memória nacional” (Pollak, 1989) brasileira a partir dos acervos familiares negros? O que fazer com eles etnograficamente?

Esses acervos não se limitam a documentos escritos, fotografias antigas ou certidões guardadas em caixas. Incluem roupas de parentes falecidos, um lençol utilizado pelos filhos quando pequenos, cadernos escolares da alfabetização das crianças da família, painéis utilizados há três gerações para cozinhar o mesmo mungunzá/feijoada e que será disputada também pela nova geração da família.

Esses acervos se materializam nas narrativas orais, nas lembranças partilhadas entre gerações, nos objetos investidos de afeto e nas práticas de cuidado e transmissão de saberes. São acervos que, ao não obedecerem às lógicas institucionais da arquivística moderna, também as tensionam, operando como dispositivos de reinscrição da história coletiva e da presença negra em uma narrativa nacional que frequentemente tenta apagá-la.

Nesses acervos, o que se arquiva não é apenas o passado. Cada fotografia, cada história repetida à mesa, cada lembrança evocada nas conversas familiares, constitui um gesto de afirmação e continuidade. São formas de produzir memória em contextos marcados pela violência histórica e, simultaneamente, pela criação de beleza diante da vida. São espaços nos quais se tornam possíveis, no cotidiano, a elaboração de contranarrativas que reposicionam a família negra como sujeito de sua própria história.

Ao longo da pesquisa, percebi que chamar esses conjuntos de lembranças e práticas de acervos familiares negros não é apenas um recurso descritivo, mas também político e epistemológico. O que faço então é reconhecer outras formas de produção de memória e de conhecimento, que não cabem nos moldes do arquivo estatal ou acadêmico. São acervos que se mantêm vivos, atravessados por afeto, oralidade, movimento (viajam, trocam de mãos, são consertados e reanimados) e que, justamente por isso, desestabilizam a ideia de arquivo/acervo como algo fixo, neutro, intocado e silencioso.

Muitos desses acervos eram preservados principalmente por mulheres negras (Valério, 2025), que fazem-família (Damásio, 2020) e, ao mesmo tempo, fazem fotografias, cartas, lembranças, roupas e pequenos objetos que, juntos, formam verdadeiros acervos de uma memória negra que resiste ao apagamento do tempo em um país profundamente marcado pela antinegritude (Vargas, 2020).

Essas mulheres (mães, avós, tias, madrinhas, sobrinhas, filhas, afilhadas) desempenham o papel de curadoras de um patrimônio afetivo e político, cuja potência reside não apenas na continuidade da família, mas na transmissão e reinscrição de uma memória coletiva. Ao conservar o que o Estado desqualifica como memória e ao preservar o que as instituições insistem em silenciar, elas produzem outras formas de arquivo (vivas, relacionais e insurgentes).

Seus gestos são profundamente históricos, pois desafiam a narrativa oficial da nação ao afirmar que a história do Brasil também se constrói nas cozinhas, nos trabalhos de cuidado, nos quintais, nos retratos de aniversários e nas fotografias feitas às portas das casas, nas ruas do país, com sorrisos abertos e roupas escolhidas com cuidado. Mais do que isso, insistem que não é possível contar a história do Brasil sem passar pela história (material, visual, política e afetiva) das famílias negras.

Por isso, demorei a perceber que o acervo da minha própria família (especialmente aquele que minha mãe conserva há mais de cinquenta anos, sobrevivendo a migrações, ao fogo, à chuva, ao trabalho e ao sol) tinha muito a dizer sobre minha pesquisa e sobre os “fluxos internos” (Damásio, 2025) de famílias negras no Brasil. Durante muito tempo, contemplei aquelas fotografias presas à parede (fixadas com pregos guardados em gavetas e martelos sempre à mão nos quintais) apenas como lembranças íntimas, quase banais. Eram imagens de festas, passeios, batizados e viagens, mas também retratos formais, feitos para documentos como carteiras de identidade e de trabalho.

Foi só ao revisitar essa materialidade com o olhar de quem entende o acervo como um campo de disputa, que algo se deslocou. Pois então percebi que, mais do que lembranças familiares, aquelas imagens, roupas, panelas e cadernos, guardavam uma história que insistia em existir, resistindo ao apagamento e afirmando, silenciosamente, a presença negra na tessitura da história nacional.

Encarar esses acervos como históricos foi um gesto sem retorno. Porque, ao contrário de grande parte dos acervos oficiais sobre pessoas negras, geralmente marcados por imagens de violência, controle, sexualização ou subalternidade (Silva, 2025), nossos acervos familiares mostram churrascos, aniversários, casamentos, partidas de futebol,

festas, risadas, corpos em descanso, processos educacionais e afins. Mostram o direito ao lazer, ao afeto, à alegria, moradia, educação, arte. Mostram, sobretudo, a persistência em registrar e conservar uma vida possível, uma vida que não cabe nos enquadramentos hegemônicos da “memória nacional”.

Esses acervos disputam de forma íntima o que se entende por história do Brasil. Eles afirmam a existência de famílias negras que, mesmo diante da precariedade e das rupturas impostas pela antinegitude, conseguiram construir e preservar rastros de uma memória coletiva. Uma memória que não é apenas resistência, mas também fabulação crítica (Hartman, 2021) cotidiana a partir dos “territórios de parentesco” (Damásio, 2025) possíveis, dos modos de estar e permanecer no mundo.

Os acervos familiares negros, quando vistos assim, se tornam contra-acervos: espaços de contestação e que pedem uma outra história, atenção e cuidado. Escapam à lógica colonial da classificação e do controle, e por isso podem ser considerados “perigosos”. Pois neles, a memória não é só lembrança, mas também prática e crítica. Cada peça guardada contra o tempo é uma recusa a desaparecer, a ser lembrado apenas pelo olhar do “outro” e a caber nas categorias da dor e da falta.

Talvez disputar a “memória nacional” a partir dos acervos familiares negros seja isso: revelar que há, no modo de guardar, olhar e passar essas peças às novas gerações, um gesto político. Onde o acervo se torna um fragmento de autodefinição (Lorde, 2020).

Esses acervos familiares negros nos convidam a repensar o próprio sentido de acervo. Eles não são neutros, não são lineares, não são cronológicos. São rasurados, colados, juntados e refeitos, são fragmentos-inteiros de uma história que se conta por meio do amor, da estética, da festa e da esperança. São testemunhos de uma vida que, embora constantemente ameaçada por estruturas de opressão (González, 2020), insiste em florescer.

Acredito, cada vez mais, que há um mundo inteiro guardado nos acervos familiares negros por todo país, um mundo à espera, querendo ser notado, contado, escutado e reconhecido em sua complexidade. Nesses acervos, feitos de fotografias, lembranças, papéis, objetos, sonhos e silêncios, estão inscritas formas próprias de narrar o tempo, o pertencimento, a terra e a vida. São fragmentos das histórias que sobreviveram ao esquecimento imposto pelas estruturas do Estado e pelas narrativas oficiais, e que, justamente por isso, carregam uma potência singular de reimaginar o passado, mas também de apontar caminhos para o nosso futuro.

Perceber esses acervos (e as mulheres e homens que os mantêm vivos) é abrir espaço para outros modos de compreender o Brasil. É reconhecer que a história não se esgota nos arquivos públicos ou nas cronologias do poder, mas também se escreve nas casas, cartas, nos quintais e nos documentos importantes guardados debaixo do colchão. Aposto que, se nos dispusermos a tatear o que esses acervos familiares negros têm a dizer, poderemos reinventar não apenas o modo como contamos a história do país, mas também o modo como nos situamos dentro dela.

As fotografias foram produzidas com Câmera Canon – EOS T6i com lente Canon EF-S 18-55mm e os ajustes de cor, saturação e brilho foram realizados com o editor para fotografias Photoshop.



### 1. Memórias de família, Memórias de País

Acervo pessoal de Analice da Silva Sousa. Foto: Ana Clara Damásio (03/2025).

<b>Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Canto do Buriti</b>	Data de Nascimento <u>25/08/1943</u>
Matri. Social N.º <u>104</u>	Data da Entrada <u>17/08/1974</u>
Fundado Em <u>29/09/73</u>	Cart. Profissional _____ Série _____
Carta Sindical <u>301.860/74</u>	Instrução <u>Alfabetizado</u>
Associado <u>Luiz Alves de Sousa</u>	Atividade Social <u>Agricultura</u>
Filho de <u>Não consta</u>	Tipo de Trabalho <u>Trabalhador Rural</u>
<u>Luiz Alves de Sousa</u>	Data da Expedição da Cart. <u>13/05/96</u>
<u>Luiz Alves de Sousa</u>	<u>Luiz Floriano da Silva</u> Presidente

### 2. Meu avô Luiz.

Acervo pessoal de Maria Eni da Silva Sousa. Foto: Ana Clara Damásio (03/2025).



### 3. Tia Itamar

Acervo pessoal de Itamar. Foto: Ana Clara Damásio (05/2019).



4. Lençol de colchão de berço (guardado há 31 anos)  
Acervo pessoal de Analice da Silva Sousa. Foto: Ana Clara Damásio (13/2026).

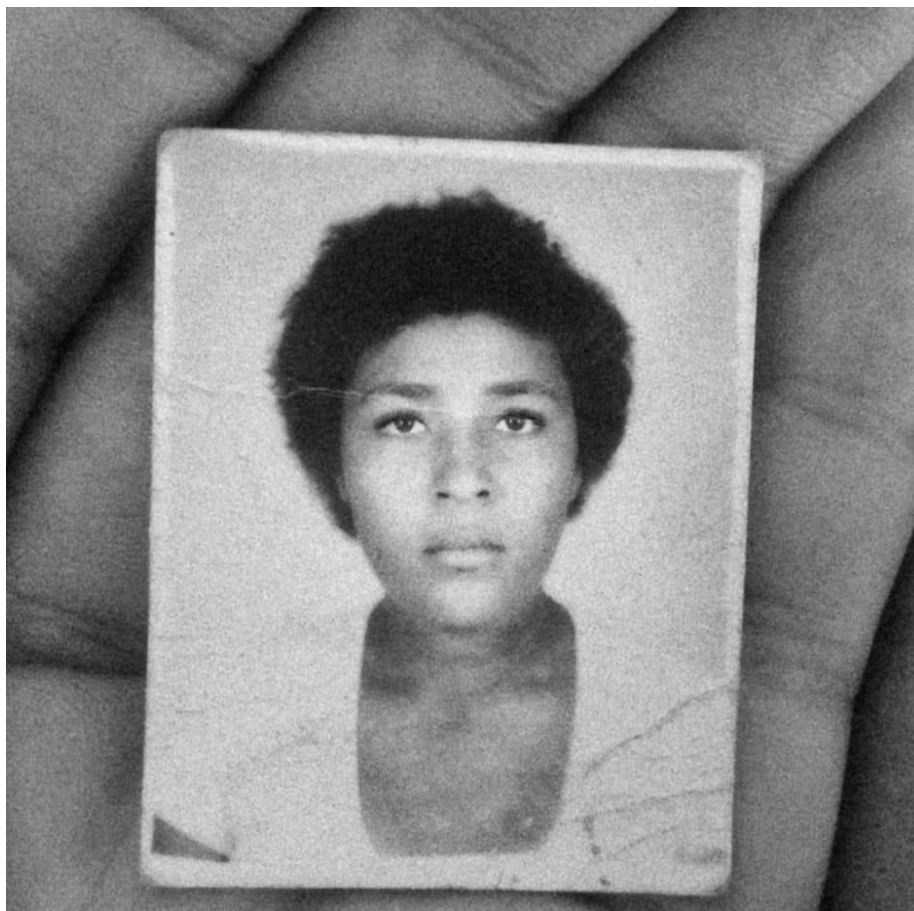


5. Do fogareiro ao fogão: a “panela” de mugunzá (onde se faz feijoada)  
Acervo pessoal de Itamar. Foto: Ana Clara Damásio (05/2019).



6. Irmãs em São Paulo.

Acervo pessoal de Analice. Foto: Ana Clara Damásio (01/2025).



7. Tia Alaíde.

Acervo pessoal de Itamar. Foto: Ana Clara Damásio (05/2019).



8. Domingo em Família.

Acervo pessoal de Analice. Foto: Ana Clara Damásio (03/2025).



9. Canto do Buriti (PI).

Acervo pessoal de Analice. Foto: Ana Clara Damásio (03/2025).



10. Festa.

Acervo pessoal de Analice. Foto: Ana Clara Damásio (03/2025).

## Referências

DAMÁSIO, Ana Clara. *Fazer-família e fazer-antropologia: uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

DAMÁSIO, Ana Clara. *Memórias de família, memórias de um país: uma etnografia dos fluxos e dinâmicas de parentesco de famílias negras no Brasil pós-abolição*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2025.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: Ensaios e Conferências*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

SILVA, Ismael. *Campo, corpo e clicks*. In: DAMÁSIO, Ana Clara; CABRAL, Flávia; CAVALCANTE, Jordhanna; NEPOMUCENO, José Lidomar; CHAGAS, Juliana (orgs.). *Negras antropologias: onda negra, medo branco*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2025. v. 1, p. 171.

VALÉRIO, Anderson da Silva Kennedy. Notas etnográficas sobre fotografias de família e suas ferramentas decoloniais contra o “Tempo”: *ILUMINURAS*, Porto Alegre, v. 26, n. 70/1, p. 77–94, 2025.

VARGAS, João. *Racismo não dá conta: antinegritude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade*. Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea, v. 18, n. 45, 2020.

Recebido em 25 de novembro de 2025

Aceito em 27 de fevereiro de 2026